

## LINGUAGEM PICTÓRICA E ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIMENTAÇÕES COM OBRAS DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE MATO GROSSO DO SUL (MARCO)<sup>1</sup>

**Renan Carnaúba de Oliveira<sup>2</sup>**

renan\_carnauba@hotmail.com

**Flaviana Gasparotti Nunes<sup>3</sup>**

flaviananunes@ufgd.edu.br

### **Resumo**

*Nesta pesquisa propõe-se compreender as especificidades da linguagem pictórica e, partir disso, identificar possibilidades para o ensino de Geografia utilizando algumas obras selecionadas do acervo permanente do Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO). Acreditamos que por meio da linguagem pictórica é possível identificar elementos que contribuam para o ensino de Geografia, refletindo sobre questões relativas às dinâmicas socioespaciais que envolveram o artista, gerando imaginações pautadas nos elementos da obra. Identificando e compreendendo representações culturais e símbolos que o artista utiliza, destacamos a potencialidade de aprender ler e interpretar a linguagem pictórica, considerando-a como expressão de variados elementos e imaginações acerca do espaço. Além das reflexões de cunho teórico-conceitual, a pesquisa envolve experimentações em sala de aula, realizando um revezamento entre teoria e prática. Assim, nas experimentações já realizadas, procuramos utilizar algumas pinturas do acervo permanente do MARCO na perspectiva de pensá-las como linguagem e não como mero recurso didático ilustrativo dos conteúdos, exercitando as potencialidades da linguagem pictórica na construção de pensamentos espaciais. As experimentações ocorreram em uma escola localizada no município de Fátima do Sul (MS), a Escola Estadual Vila Brasil e o objetivo principal foi que os alunos exercitassem a análise das obras de arte, capacitando habilidades*

---

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta parte dos resultados de nossa pesquisa em nível de mestrado em desenvolvimento. Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de demanda social que possibilitou a realização deste estudo.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGG/UFGD).

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGG/UFGD).



*de interpretar e desenvolver produtos de linguagem não verbal, para perceber-se como ser sensível a arte, capaz de produzir releituras de obras com potencial para elaborar pensamentos sobre fatos e fenômenos geográficos, imprimindo uma marca pessoal ao trabalho*

**Palavras-chave:** Linguagem pictórica, ensino de Geografia, MARCO.

## **Introdução**

Nesta pesquisa propõe-se compreender as especificidades da linguagem pictórica e, partir disso, identificar possibilidades para o ensino de Geografia utilizando algumas obras selecionadas do acervo permanente do Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO).

Acreditamos que por meio da linguagem pictórica é possível identificar elementos que contribuam para o ensino de Geografia, refletindo sobre questões relativas às dinâmicas socioespaciais que envolveram o artista, gerando imaginações pautadas nos elementos da obra. Identificando e compreendendo representações culturais e símbolos que o artista utiliza, destacamos a potencialidade de aprender ler e interpretar a linguagem pictórica, considerando-a como expressão de variados elementos e imaginações acerca do espaço.

Além das reflexões de cunho teórico-conceitual, a pesquisa envolve experimentações em sala de aula, realizando um revezamento entre teoria e prática. Neste texto, apresentamos uma das experimentações realizadas com estudantes do Ensino Fundamental da rede pública estadual de ensino da cidade de Fátima do Sul (MS). Desenvolvemos a proposta de utilizar a linguagem pictórica através de pinturas do Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO), em Campo Grande (MS), como possibilidades que contribuam para se pensar o uso dessa linguagem enquanto produtora de imaginações espaciais.

A escola onde foi realizado o experimento se chama Escola Estadual Vila Brasil e os estudantes participantes da pesquisa foram das turmas do 7º Ano A e B do ano letivo de 2018. As turmas foram indicadas pela professora de Geografia da escola para participar do

experimento, e voluntariamente fizeram parte após apresentação da proposta<sup>4</sup>. O experimento produziu vinte releituras individuais das obras apresentadas.

### **Por que usar a linguagem pictórica?**

A imagem como forma de comunicação é utilizada desde a pré-história, sendo que nas últimas décadas a maneira como os indivíduos vêm se relacionando com a imagem se intensificou. Os professores e a escola baseiam-se na lógica da linguagem verbal para formação de competências e habilidades nos estudantes, sendo que no cotidiano a imagem é uma das principais potencializadoras do processo de aprendizagem e interação social. Com isso, pensamos na urgente necessidade da escola e dos professores utilizarem diferentes linguagens como forma de capacitar os estudantes.

Situando sobre a demanda de utilizar diferentes linguagens no ensino de Geografia, recorreremos a Oliveira Jr e Girardi (2011, p. 1) que apontam para:

A emergência, já não tão recente, da temática das diferentes linguagens no ensino da Geografia parece acompanhar uma constatação generalizada da necessidade de a escola se apropriar da profusão de fontes informativas presentes no cotidiano extraescolar, como meio de motivação ou sensibilização dos alunos aos conteúdos curriculares.

Há diversas produções de experiência que estão mostrando que pensar as diferentes linguagens como maneiras de se comunicar aponta “ganhos de motivação, sucessos na apreensão de conteúdos, envolvimento maior dos alunos [...]” (OLIVEIRA JR; GIRARDI, 2011, p.2).

A Geografia enquanto ciência moderna manteve dissociada a arte do pensamento, utilizando-a apenas em certos momentos como forma de ilustração para seus trabalhos. Fortalecemos aqui a condução da Geografia para seu encontro com a Arte. Não se trata de incorporar a Arte como documento e sim como uma marca de um espaço-tempo, com potencial para a alfabetização geográfica.

---

<sup>4</sup> As participações dos estudantes durante as atividades da pesquisa foram autorizadas pela a direção e coordenação da escola em questão. As Prof<sup>as</sup> Me. Valéria da Silva Florentino e Prof<sup>a</sup> Marines Ciriaco Cerqueira apoiaram a pesquisa cedendo as turmas para realização do experimento. A escola também apoiou cedendo o espaço físico.



Quanto ao diagnóstico de elementos da linguagem pictórica que sirvam como dispositivos para criar imaginações espaciais, estabelecendo vínculos entre a Arte e a Geografia, recorreremos a Monteiro (2008) para nos auxiliar a destacar a utilização de pinturas como potência para imaginar o espaço. O autor realiza uma análise acerca da linguagem pictórica como subsídio na iluminação do espaço geográfico, destacando os méritos da pintura das paisagens como instrumento poderoso para auxiliar na percepção do espaço.

Concordamos com determinadas percepções de Monteiro (2008), que pensa a Arte com um valor iconográfico que voltado para o conteúdo geográfico-histórico produz uma potencialidade de se imaginar a realidade vigente. “Os pintores – como os artistas em geral – revelam suas preocupações com o universo, o planeta, as regiões e os lugares em que vivem” (MONTEIRO, 2008, p.199). Sendo assim, artistas plásticos costumam ser testemunhos de seu tempo, o que gera potencial para apreciação do conteúdo geográfico na pintura. Obras de arte podem ser capazes de abordarem temas ligados à evolução histórico-geográfica regional que poderão ser projetados à atualidade. A linguagem pictórica representa uma fonte documental para se pesquisar Geografia e seus aportes.

É nítido no ambiente escolar que os professores “ainda trabalham na lógica do mundo verbal, da palavra hegemonicamente detentora da ordem explicativa do mundo, como caminho para a formação dos valores e habilidades nos alunos.” (GONÇALVES & FERRAZ, 2009, p.3). Sendo que no cotidiano dos estudantes, como já foi apontado aqui, não é a palavra que anda possuindo o papel de aprendizagem e interação social, e sim a imagem é retentora desse processo.

Desde o momento em que nascemos, a visão é de fundamental importância para o nosso desenvolvimento. A quantidade imensa de informações do mundo que nos cerca estimula o desenvolvimento do cérebro e colabora nas conquistas físicas como sentar, engatinhar e dar nossos primeiros passos. Isso demonstra a importância do olhar, do identificar, do analisar as coisas em nossa volta, portanto, a linguagem pictórica possibilita também o desenvolvimento de habilidades em nossos alunos. Segundo Ferraz (2009) as formas e as imagens de espaço contribuem para que os indivíduos, em suas relações sociais, estabeleçam sentidos de orientação e localização, portanto, de entendimento da vida humana no mundo.

Partimos de entendimento que o trabalho com as diferentes linguagens deve possibilitar a construção de imaginações espaciais. Utilizamos a linguagem pictórica não apenas para ilustrar o conteúdo, e sim para potencializar imaginações sobre os fatos e fenômenos geográficos. “[...] Podemos instrumentalizar-nos por meio de análises estéticas e sógnicas na direção de uma interpretação espacial das relações humanas a partir de suas representações pictóricas.” (FERRAZ, 2009, p.30).

Também propomos refletir sobre questões relativas às dinâmicas socioespaciais que envolveram o artista, gerando imaginações pautadas nos elementos da obra. Identificando e compreendendo representações culturais e símbolos que o artista utiliza. Ler e interpretar a linguagem pictórica, considerando-a como expressão de variados elementos de imaginações acerca do espaço, gera diversas possibilidades para o ensino. Conforme aponta Ferraz:

Exercitar a leitura das “qualidades estéticas” do olhar geográfico sobre a paisagem a partir da análise das pinturas é um caminho possível e altamente enriquecedor para o processo de discussão entre as ordenações espaciais da sociedade, do cotidiano e do mundo como um todo [...] (2009, p.31).

A linguagem pictórica possui alguns elementos que a determinam e colaboram para a compreensão das obras. Não temos o intuito de propor um modelo com regras a serem seguidas, pois, isso intimidaria a riqueza presente em cada obra. “O desafio é buscar mais elementos que enriqueçam de informação o contexto em que certa pintura foi elaborada e, a partir disso, poder estabelecer relações com o complexo espacial que estamos vivenciando.” (FERRAZ, 2009, p. 40). Os elementos servem de parâmetros para possibilidades de análises geográficas.

As pinturas “[...] mesmo não tendo por prioridade temática a representação espacial da sociedade em que o pintor vivia, acaba passando informações sobre esta [...]” (FERRAZ, 2009, p.40). Os pintores expressam suas interpretações e questionamentos através de suas obras com as possibilidades e restrições que possui. “Aprender a ver pinturas pode auxiliar numa melhor leitura do espaço, assim como uma análise geográfica dos quadros pode enriquecer a compreensão deles.” (FERRAZ, 2009, p.41).



## A experimentação realizada

O passo inicial para realizar a experimentação com a linguagem pictórica na escola, foi destacar o caráter educativo da Arte, desconstruindo ideias generalizantes acerca da mesma. Para isso, buscamos destacar o caráter hospitaleiro e educativo dos museus e apresentar imagens que demonstram como a Arte está presente no cotidiano, através das publicidades, redes sociais, televisão, grafites.

No segundo momento, trabalhamos algumas potencialidades da linguagem pictórica para se pensar o espaço, explanando para os estudantes sobre os vínculos entre a ciência geográfica e a arte. Destacamos a importância da linguagem pictórica no desenvolvimento das informações coletadas nas expedições de colonização, por exemplo. Paralelamente, estimulamos os estudantes a pensarem a Arte além da informação e interpretarem obras como meio para a reflexão e interpretação espacial das relações sociais, a partir da análise estética e do contexto em que o artista estava inserido ao produzir a obra, conforme indicado por Ferraz:

É claro que, para melhor entendimento e apreciação dos quadros, conhecer os contextos espacial e temporal em que foram elaborados e a história que cada um quer representar muito auxilia para melhor analisar a aplicação dos elementos da linguagem pictórica na interpretação das obras. Essa base de leitura é que enriquece o sentido espacial que podemos elaborar a partir das formas, das maneiras e dos contextos em que as imagens foram trabalhadas pelo artista. (2009, p. 35).

Ferraz (2009) nos auxilia a compreender obras de arte através do contexto tempo-espacial em que os artistas estavam inseridos ao exemplificar diversos períodos da humanidade nos quais as técnicas e temas abordados eram diversificados conforme a realidade vivenciada pelos artistas. Ao elaborar uma pintura o artista está expressando suas interpretações, questionamentos e emoções, não necessariamente está com o objetivo de representar espacialmente a sociedade em que vivia. Cabe a nós professores de Geografia, analisarmos e compartilharmos com os estudantes, como as pinturas podem auxiliar para uma leitura mais efetiva do espaço, enriquecendo a compreensão no processo ensino-aprendizagem.

Orientamos o olhar do estudante a observar os elementos da linguagem pictórica através de pinturas do MARCO estabelecendo conexões com o domínio espacial e temporal



em que as obras foram elaboradas. Buscamos, nesses dois primeiros momentos da experimentação, estabelecer a metodologia da análise estética e do contexto em que o artista estava inserido ao produzir a obra, para pensar a linguagem pictórica como possibilidade de interpretação espacial.

O último ato do experimento em classe foi a produção das releituras, quando os estudantes, de forma individual, se basearam nas obras apresentadas, aplicando suas percepções e estilo. Durante a produção das releituras, realizamos diálogos individuais com cada estudante, sobre o seu desenho e suas imaginações que o envolvem, buscando interpretar cada produção, conectando os elementos utilizados por eles com as falas dos mesmos.

Selecionamos três obras do acervo permanente do MARCO para apresentar aos estudantes. A escolha foi baseada em obras que carregam elementos que remetem ao estado do Mato Grosso do Sul, buscando gerar imaginações espaciais sobre como se configura o estado onde os estudantes moram e sobre seu cotidiano. As obras selecionadas foram “O sopro” de Humberto Espíndola (Figura 1); “Dos Bugres...” de Julio Cabral (Figura 2); e “A ceramista” de Adilson Schieffer (Figura 3).



Figura 1 - O Sopro (1978) - Óleo sobre tela 130 X 170 cm  
Acervo do MARCO

A obra “O sopro”, de Humberto Espíndola foi elaborada no ano de 1978. O artista estava se consolidando no cenário mundial das artes plásticas com suas pinturas sarcásticas da sociedade do boi com o tema Bovinocultura. Neste período, também, o Brasil estava sob a



ditadura militar e, no mesmo ano, o estado de Mato Grosso foi dividido em dois estados brasileiros. A obra apresenta cores que nos remetem à bandeira nacional brasileira e suas grandes dimensões (130x170 cm) possibilitando a comparação com a grande extensão territorial do Brasil. O chifre e a parte acima da cabeça do boi, o cupim, são elementos que geram diálogos acerca da influência dos grandes criadores de gado na política e economia regional. A boina militar associada ao ano em que a obra foi elaborada gera reflexões sobre o contexto espacial e temporal em Espíndola estava envolvido.

A obra “...Dos bugres” foi elaborada por Júlio Cabral no ano de 1999. Possui dimensões expressivas (100x80cm), produzida em óleo sobre tela, Cabral utilizou poucos elementos, assim como utilizou poucas cores, o vermelho predomina sobre toda a tela e ao centro, a gravata representada pelo autor, pintada de dourado, com o seu broche nas cores da bandeira nacional brasileira e a pequena figura de um indígena. A gravata como elemento possui um protagonismo paralelo ao do broche, com a imagem indígena, servindo de souvenir, que potencializa e gera possibilidades de imaginações espaciais.

A técnica utilizada pelo artista na integração das cores, na escolha da superfície onde foi elaborada a obra e os elementos representados nela, possibilita ao estudante criar imaginações espaciais. A obra apresenta cores que nos remetem a bandeira nacional brasileira, e suas grandes dimensões (130x170 cm) nos remete a compara com a grande extensão territorial do Brasil. Espíndola em “O sopro” apresenta através dos elementos, sua característica mais expressiva, a Bovinocultura. O chifre e a parte acima da cabeça do boi, o cupim, são elementos que gera diálogos acerca da influencia dos grandes criadores de gado na política e economia regional. Outro elemento que gera potencial para se ensinar Geografia na obra, é a boina militar. A boina associada ao ano em que a obra foi elaborada gera reflexões sobre o contexto espacial e temporal em Espíndola estava envolvido. Estabelecendo atrelamentos entre esses fatores, não explanamos concepções e utilizamos a obra somente para confirmar determinado conteúdo. A obra foi um intercessor juntamente com os pensamentos geográficos, expandindo as possibilidades para a Geografia a partir da Arte.





Figura 2 - ... Dos bugres (1999) - Óleo sobre tela 100 X 80 cm  
Acervo do MARCO

“A ceramista” foi elaborada por Adilson Schieffer no ano de 1995, em uma tela com extensões de 46x54cm. Produzida com a técnica mista sobre tela, expressa sua característica mais marcante na elaboração de artes plásticas, a iconografia dos índios Kadiwéu. As linhas finas dos desenhos corporais realizados por esse grupo de indígenas compõem a expressão de sua arte, muito bem elaborados, estampam os rostos com desenhos precisos, traçados com tinta obtida de frutas com pó de carvão. Na figura feminina representada pelo artista, é possível ver ao longo de seu corpo, traços muito bem desenhados, minuciosos, cheios de curva, expressando a cultura Kadiwéu. A mulher representada na obra segura em suas mãos uma cerâmica que, assim como em toda extensão da tela, possui desenhos.



Figura 3 - A ceramista (1995) - Técnica mista sobre tela - 46X54 cm  
Acervo do MARCO

### Releituras das obras a partir do olhar dos estudantes

A partir dos procedimentos anteriormente explicitados, passamos a apresentar algumas das releituras elaboradas pelos alunos.

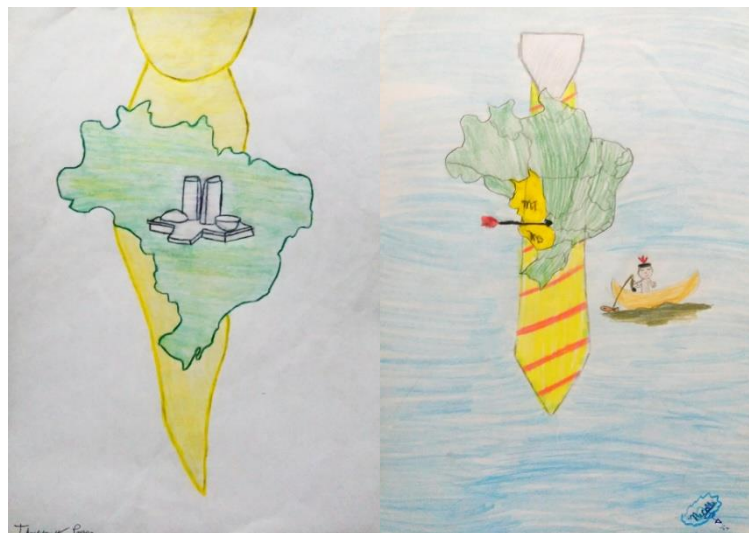


Figura 4 – Releitura do obra “O Sopro”  
Fonte: Acervo do autor

No desenho apresentado na Figura 4, podemos perceber que se trata de uma releitura da obra “O sopro” de Humberto Espíndola o que fica evidente, partir dos elementos estéticos presentes na obra original trata da percepção do artista acerca da divisão do estado de Mato Grosso. Durante o experimento, no momento em que estimulávamos os alunos a analisarem os elementos da obra, pudemos observar que o elemento mais citado pelos estudantes era a

boina militar. No entanto, de dez releituras produzidas com alusão a “O sopro”, apenas três fizeram o desenho contendo o elemento da boina. Isso pode ter decorrido da reação negativa da turma quando um dos estudantes gritou o nome do recém-eleito Presidente da República nas eleições de 2018 no momento em que explanava acerca da relação do elemento em questão com o período de ditadura militar que configurava o contexto do artista.

Podemos perceber que o estudante desenha uma bandeira tendo a brasileira como referência, com o símbolo da emissora de televisão mais influente do país inserido no centro. Durante a produção das releituras, o estudante que produziu a Figura 4 questionou se poderia fazer o desenho do símbolo ao invés da boina militar. Orientei o estudante a pensar o desenho como uma fuga das regras preestabelecidas, e imprimir suas percepções. No entanto, questionei o porquê do símbolo da emissora, e o estudante respondeu que “quando essa pintura foi feita, os militares tinham influência sobre as coisas, agora é só a mídia”. O estudante através das suas percepções projetou aspectos histórico-geográficos a atualidade a partir dos elementos da obra que o atravessaram.



Figuras 5 e 6 – Releitura da obra “... Dos bugres”  
Fonte: Acervo do autor

Nas imagens das Figuras 5 e 6, observamos releituras da obra “...Dos bugres”. Como apontamos anteriormente, a obra possui dois elementos que destoam de tamanho: a gravata em grande proporção e um broche com a imagem indígena. Podemos visualizar a gravata

como elemento central nas imagens, assim como na obra original. No entanto, o broche que servia como souvenir é substituído nas duas releituras por uma representação do mapa do Brasil.

Na Figura 5 notamos o desenho do Palácio do Planalto ao centro do mapa. No diálogo com a estudante que produziu esta releitura, a mesma externou que “o índio não pode estar servindo de enfeite na gravata, quem usa gravata é quem tem poder, e está morando aqui nesse palácio”. A fala da estudante sobre sua releitura demonstra reflexões acerca da posição imposta à população indígena, de servir apenas como souvenir. A substituição do broche em sua releitura conectada com sua fala demonstra uma preocupação em retirar a imagem indígena dessa condição. A estudante conecta o elemento (gravata) a figura dos políticos, e desenha o palácio centralizado na folha sobre a gravata e a representação do mapa do Brasil.

Na imagem da Figura 6 ideia de retirar a figura do indígena da condição de souvenir fica mais evidente. Uma representação em alusão ao mapa do Brasil ocupa a posição sobre a gravata. A figura indígena é desenhada pela estudante em um barco, não vinculado aos outros elementos centrais do desenho, pescando em um fundo azul que se refere à água. A estudante explicou que “agora o índio está livre para pescar, antes ele estava preso no meio de quem usa gravata e destrói a natureza”.



Figuras 7 e 8 – Releituras da obra “A ceramista”  
Fonte: Acervo do autor

As imagens das Figuras 7 e 8 possuem como base para elaboração da releitura a obra “A ceramista”. A obra como já apontamos aqui, possui símbolos Kadiwéu e traços pintados em alto relevo em forma de silueta feminina produzindo uma cerâmica, o que gerou potencial para erigir imaginações acerca da força e resistência das mulheres indígenas em seu cotidiano.

Na Figura 8 observa-se uma espécie de autorretrato da estudante que elaborou a releitura utilizando um adereço na cabeça com referência aos elementos indígenas da obra. A estudante vinculou os traços femininos da obra à sua própria imagem. Durante a apresentação da obra original, a estudante explicou que “as mulheres que moram na cidade também trabalham e lutam por direitos iguais. Aqui na escola, por exemplo, jogamos futsal melhor que os meninos e não podemos treinar na quadra o mesmo tanto que eles”. A frase surgiu em um momento de diálogo sobre as percepções dos estudantes sobre a posição da mulher na sociedade. A fala da estudante juntamente com sua releitura de “A ceramista” demonstra uma reflexão acerca do seu cotidiano e levantamento de questões sobre o mesmo. Após a explanação, os estudantes do sexo masculino tentaram reprimir a fala da estudante, desvalorizando sua técnica futebolística, o que proporcionou um debate na classe. Os elementos da obra atravessaram a estudante fazendo-a se ver no lugar da ceramista pintada pelo artista, como símbolo da resistência feminina.

Ainda que tendo como referência para a releitura a mesma obra, notamos que na Figura 8 traz elementos bastante distintos em relação à Figura 7. A estudante autora desenhou um grande vaso com símbolos Kadiwéu e um mapa do Brasil pintado nas cores da bandeira nacional. Em diálogo com a estudante durante a produção da releitura, a mesma explicou que o desenho representa a “recuperação do país”. Ao ser questionada sobre qual recuperação seria, a estudante respondeu que “o lado verde é onde ainda tem floresta e o lado amarelo onde as pessoas desmataram. Queria colocar o Brasil dentro desse vaso para curar ele já que os índios não desmatam”. A fala da estudante juntamente com os elementos da sua releitura indicam suas imaginações espaciais originadas por suas experiências na relação com a obra “A ceramista”. A estudante utiliza o elemento do vaso de cerâmica como uma espécie de caldeirão indígena onde o país está imerso para reverter processos de devastação ambiental.





### Considerações finais

A experimentação realizada visou aproximar a linguagem pictórica e a Geografia no sentido de potencializar as imaginações acerca do espaço a partir de expressões visuais, exercitando uma linguagem pouco presente no ensino desta disciplina.

Diante das discussões apresentadas sobre o fazer pedagógico envolvendo um experimento com a linguagem pictórica com estudantes do Ensino Fundamental, podemos concluir que articulação entre Arte e Geografia gera diversas possibilidades de imaginações espaciais. O processo de ensino aprendizagem se torna mais dinâmico e prazeroso, além de fomentar a cultura no âmbito escolar. Consideramos válidas as contribuições das investigações desenvolvidas neste trabalho para a ampliação científica do discurso geográfico, voltados para o ensino.

### Referências bibliográficas

FERRAZ, Cláudio Benito O. VAL Rosângela Maria G. **A Linguagem Imagética na Escola e no Ensino da Geografia**. In: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 30 de agosto a 2 de setembro de 2009, Porto Alegre-RS.

FERRAZ, Cláudio Benito O. (2009) **Geografia: o olhar e a imagem pictórica**. Revista ProPosições, Campinas/SP, v. 20, n. 3 (60), p. 29-41, 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n3/v20n3a03.pdf>> Acesso em: 27 março 2019.

MONTEIRO, Carlos. A. F. **A pintura de Miguel Dutra (1810-1875) e o significado Geográfico num Artista Politétrico de São Paulo do meado do século XIX**. In: \_\_\_\_\_. Geografia Sempre: O homem e seus mundos. Campinas, SP: Edições Territorial, 2008. P.195-217.

OLIVEIRA JR, Wenceslao M. GIRARDI, Gisele. (2011) **Diferentes Linguagens no Ensino de Geografia**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA, XI, 2011. Goiânia. Anais... Goiânia, 2011, p. 1-9. Disponível em: <<https://poesionline.files.wordpress.com/2015/02/oliveirajrgirardi-20111.pdf>> Acesso em: 27 março 2019.

OLIVEIRA JR, Wenceslao M. **Desenhos e escutas**. In: NUNES, Flaviana G. (Org.). Ensino de Geografia: Novos olhares e práticas. Dourados, MS: Editora UFGD, 2011. P. 13 – 36. Disponível em <[http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/fch-ufgd/20170914051835/pdf\\_56.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/fch-ufgd/20170914051835/pdf_56.pdf)> Acesso em 27 de março 2019.